

TRANSIÇÃO DAS CELAS INDIVIDUAIS PARA BAIAS COLETIVAS NO BRASIL

Cleandro Pazinato Dias¹, Jade Pellenz² e Fabricio Murilo Beker³

¹Sócio Proprietário da Akei Animal Research e da Fazenda Seis Amigos.

Consultor de bem-estar de suínos (cleandro@cleandrodias.com.br)

²Especialista em Bem-estar animal do Fomento Agropecuário da Pamplona Alimentos S/A (jade.pellenz@pamplona.com.br)


³Gerente de Fomento Agropecuário da Pamplona Alimentos S/A (fabricio.beker@pamplona.com.br)

O papel de protagonista que o país tem na suinocultura mundial, ocupando a 4ª posição como produtor e a 3ª na exportação nos conecta com os principais mercados produtores e consumidores de carne suína.

- ▶ As rápidas transformações que ocorrem nos complexos de produção brasileiros conduzem a esta posição de destaque e também são um reflexo das demandas de mercado.


44,9%


A transição do sistema de celas individuais que predominava no país até poucos anos para gestação coletiva é uma realidade deste pujante segmento do agronegócio, atualmente estima-se que **cerca de 44,9% das matrizes no Brasil, estão sendo alojadas em baias coletivas durante a gestação** (Figura 1).

A partir de agora, iremos dissertar sobre esse movimento que agrega mudanças estruturais e de manejo nas unidades produtivas atreladas pela busca da eficiência produtiva e econômica dos plantéis. 



Qual é o período estabelecido para a gestação coletiva nos diferentes países?

 **União Europeia:** A legislação europeia (Diretiva 2008/120/CE) **limita em 28 dias de gestação o período que as matrizes podem ficar em celas individuais.** Ou seja, a formação dos grupos de cobertura ocorre pós-implantação embrionária.

 **Brasil:** A Instrução Normativa Nº113 de 2020 do MAPA (IN 113), **limita em 35 dias a gestação em celas individuais, e estabelece 1º de janeiro de 2045 como prazo limite para que as granjas que estavam operando na data da publicação da IN 113 concluam a transição.**

É importante destacar que tempos antes da publicação da Instrução Normativa Nº 113 em dezembro de 2020, **algumas empresas na vanguarda desse movimento já estavam com seus planos de transição para gestação coletiva implantados**, ou seja, embora a legislação tenha impulsionado esse movimento e estabelecido prazos finais para mudança no cenário nacional, **companhias alinhadas com as exigências de mercado já tinham estabelecidos seus prazos de forma voluntária.**

Percentual estimado de porcas alojadas em baias coletivas no Brasil por ano

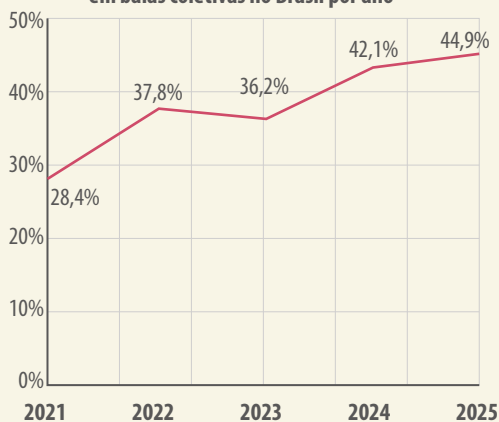


Figura 1: Percentual estimado de matrizes alojadas em baias coletivas no Brasil (2021 a 2025). Fonte: Observatório Suíno – 6ª edição (2025)

Para os novos projetos, as reformas e ampliações o limite máximo de 5 semanas em celas já está em vigor. A norma brasileira, da mesma maneira, forma com a europeia a formação dos grupos de cobertura pós-implantação embrionária.



Califórnia: Este estado americano por meio da Proposição 12 em 2024, estabeleceu que **matrizes acima de 6 meses de idade devem ser alojadas em baias coletivas durante toda a gestação com no mínimo 2,23 m² de espaço útil.**

Com todas estas mudanças em regulamentações e com a definição do Parlamento Europeu de banir gradativamente o uso de celas individuais em todas as fases e espécies de produção animal (*End the age cage, 2021*), as mudanças no Brasil são uma questão de tempo e não de clareza de caminho a ser seguido.

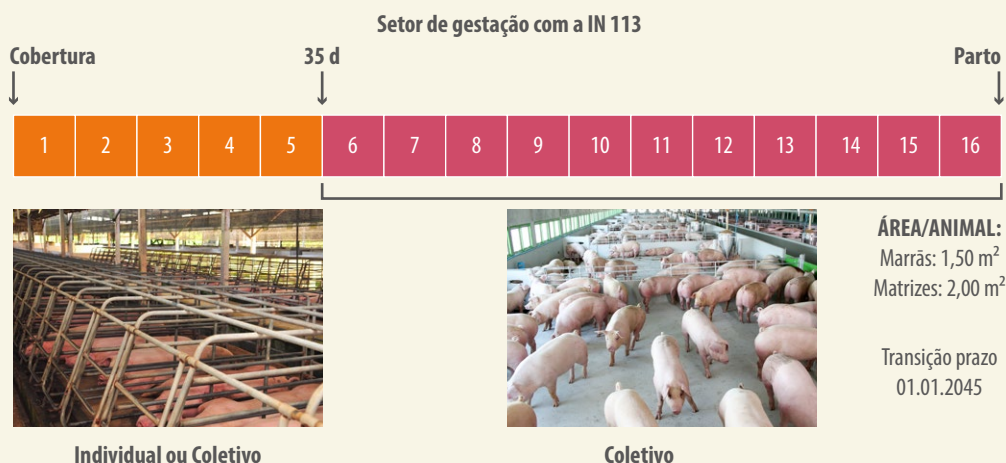


Figura 2: Setor de gestação com a Instrução Normativa N°113

Sistema Cobre e solta:



É um sistema onde **as matrizes são transferidas para as baias de gestação logo após a última inseminação**, e a formação dos grupos de cobertura ocorre pré-implantação embrionária, ideal transferir para baias até 72 horas após cobertura.

No Brasil muitas agroindústrias definiram o **sistema cobre e solta como o sistema preferencial nos novos projetos**, pois as matrizes permanecem praticamente toda a gestação em um ambiente coletivo, o que é um desejo de muitos *stakeholders* atuantes no mercado.



Para alojar as matrizes em gestação coletiva em substituição ao alojamento individual, **o maior desafio produtivo é evitar a competição pelo alimento que é fornecido de forma restrita**, somados ao fato que matrizes hiperprolíferas necessitam de maior controle individual do consumo de ração para maximizar o potencial produtivo e evitar os extremos de condição corporal (obesidade e magreza).

No alojamento individual este controle é relativamente fácil, mas no alojamento coletivo em decorrência da competição pelo alimento torna-se um desafio.

- ▶ Portanto, o sistema de alimentação adotado pela unidade terá impacto na competição pelo alimento, no Brasil as granjas adotam algum dos sistemas de alimentação citados a seguir:

1

Ração fornecida sobre o piso: sistema mais tradicional, com volume oferecido no piso da própria baía com base na média das demandas das matrizes que compõe a baía;

Ração fornecida em minibox: sistema onde a ração é fornecida com base na média das demandas das matrizes que compõe a baía em comedouros lineares ou diretamente no piso. O minibox é a uma divisória metálica que permite a separação parcial dos animais e a disposição da ração para cada matriz geralmente por meio de drops;

2

Alimentação eletrônica (ESF): São os sistemas com uso de chips eletrônicos e com alimentação de precisão, que permitem uma curva de alimentação individual, onde as matrizes receberão uma dieta específica de acordo com o período gestacional, linhagem genética, escore corporal, ordem de parto e produtividade.



A experiência nos diz que quanto mais tecnologia aplicada, maiores os custos de implantação, mas em contrapartida maiores potenciais produtivos e econômicos podem ser auferidos a longo prazo.

Em relação aos **indicadores técnicos** relacionados à fase de gestação que são monitorados rotineiramente nas unidades produtivas e utilizados nos cálculos do ROI dos projetos, podemos citar:

- ▶ **Dias não produtivos (DNP)**
- ▶ **Taxa de descarte e taxa de mortalidade de fêmeas**
- ▶ **Taxa de parição**
- ▶ **Número de leitões nascidos**
- ▶ **Peso das leitegadas ao nascimento e no desmame**



Imagem: Grupo de matrizes em gestação coletiva

Os principais desafios da transição

Entre os desafios mais importantes enfrentados pelo setor produtivo ao longo destes últimos anos para a mudança das granjas em operação e também nos novos projetos podemos destacar desafios de ordem operacional, estrutural e econômico, entre eles estão:



Exigência de recursos humanos mais especializados, devido às mudanças operacionais que ocorreram;

Aprender a utilizar novas tecnologias, novos equipamentos que não eram utilizados anteriormente nos sistemas individuais, tendo muitos com dependência de conhecimentos em informática;



Maior conhecimento do comportamento das matrizes devido a interação entre elas no coletivo (formação da hierarquia, brigas);

Dificuldade de controlar a condição corporal;

Dificuldade de aplicação de vacinas e medicamentos;



Dificuldade de fornecer condições de recuperação de matrizes com problemas em baias enfermaria;

Necessidade de aprimorar as medidas de fortalecimento do aparelho locomotor;

Uniformização dos grupos por ordem de parto (baias para nulíparas, primíparas e pluríparas), por tamanho e condição corporal;

Redução dos inventários devido à necessidade de mais espaço por matriz no alojamento coletivo;

Busca pelos layouts ideais das baias com os novos equipamentos, com áreas de piso vazado e piso compacto;

Qualidade dos pisos utilizados e manutenção dos mesmos;



Escolha dos enriquecimentos ambientais mais apropriados;

Unidades com fluxo produtivo estabelecido em manejo semanal que com as reformas tiveram que migrar para o sistema em bandas para poderem ganhar escala produtiva;

Altos custos para adaptação das granjas antigas;



Dificuldade de linhas de crédito viáveis para as reformas;



Além de todos os desafios citados anteriormente, podemos destacar que **o comportamento animal também precisa ser levado em consideração nos novos projetos e adequações**, pois decisões que são tomadas na gestação podem refletir em toda cadeia de produção.



A gestação coletiva de suínos apresenta um dos maiores desafios no manejo nutricional, por exemplo, garantir que todas as fêmeas tenham acesso homogêneo ao alimento.

Em ambientes coletivos, **a disputa por recursos e a forte estrutura hierárquica do grupo** fazem com que algumas matrizes consumam muito acima do recomendado, enquanto outras, consumam muito abaixo do estabelecido pela curva de consumo.

- Essa **heterogeneidade no consumo gera diferenças significativas no escore corporal e na condição fisiológica das fêmeas** ao longo da gestação.

Como consequência direta, produz-se uma **leitegada mais desigual**, com leitões de pesos muito variados ao nascimento. Esses **leitões menores tornam-se um desafio constante na maternidade**, exigindo cuidados intensivos, **maior assistência no colostro e apresentando maior risco de mortalidade**.

➤ Além disso, o impacto se estende para as fases subsequentes de produção, já que leitões leves tendem a apresentar menor desempenho no desmame e crescimento mais lento.



Assim, a falta de uniformidade no consumo alimentar durante a gestação coletiva não apenas compromete o bem-estar das fêmeas, mas também afeta negativamente a eficiência, os custos e a produtividade.



Embora a **suinocultura brasileira** sofra inúmeras dificuldades econômicas, ela vem **adotando gradativamente o sistema de alojamento coletivo**, inicialmente na forma de adesão voluntária liderada pelas agroindústrias exportadoras, e mais recentemente acelerada pela publicação da IN 113.



Destaca-se **a escolha voluntária que muitas empresas tem feito pelo sistema cobre solta, em decorrência de um movimento global de restrição do alojamento confinado nos sistemas industriais de produção de alimento.**

O Brasil segue o fluxo natural das mudanças, buscando a velocidade que permita manter sustentável o segmento.



Transição das celas individuais para baias coletivas no Brasil

BAIXAR EM PDF

Referências bibliográficas. Sob consulta aos autores.